
O PODER DO TRANSE: A RELEVÂNCIA DO ÊXTASE ESPIRITUAL NAS TRADIÇÕES RELIGIOSAS*

DOI 10.18224/frag.v33i1.12855

JOÃO PAULO REIS BRAGA**

CLÓVIS ECCO***

Resumo: o transe é o momento mais sublime da vivência religiosa. A hierofania do êxtase religioso, o contato com o Divino, o arrebatamento do cotidiano, tudo isso é capaz de provocar grandes transformações pessoais, mas, também, sociais. Principalmente quando novas matrizes religiosas surgem em função do êxtase vivido. Através de uma revisão bibliográfica de textos sagrados e também da análise de especialistas, o presente estudo objetivou analisar a importância do transe na fundação e na continuidade ritualística de diversas tradições religiosas. Assim, discutimos questões relevantes para elucidação do tema, como: O que é o transe? Como ele ocorre? Que tipos de transes existem? E qual o papel do êxtase religioso no surgimento de algumas das principais religiões da História? Os resultados apontam que o transe exerceu uma função essencial na gênese de várias tradições religiosas, e que ele continua sendo relevante nas práticas ritualísticas de muitas delas.

Palavras-chave: *Ciências da Religião. Transe. Êxtase. Sociologia da Religião.*

O transe é um fenômeno que está presente em praticamente todas as religiões no mundo inteiro, no entanto, sua importância parece subestimada e poucas são as pesquisas na Academia que têm esse tema como foco principal. O presente estudo se propõe a examinar a relevância do transe espiritual na fundação, na estruturação do corpus religioso e na institucionalização de diversas vertentes religiosas.

Contudo, almejando ir além dos aspectos históricos e sociológicos, e desejosos de conhecer mais a respeito do fenômeno em si, adotamos como modelo paradigmático para

* Recebido em: 08.11.2022. Aprovado em: 30.01.2023.

** Doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco. Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco. *E-mail:* jpreisbraga@yahoo.com.br

*** Doutor e mestre em Ciências da Religião pela PUC Goiás. Graduado em Teologia pelo Instituto Missionário de Teologia e em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Dom Bosco. *E-mail:* clovisecco@uol.com.br.

análise mais aprofundada o transe provocado pela Ayahuasca, uma bebida alteradora da consciência utilizada por várias tradições religiosas em seus rituais sagrados. Porém, os temas relacionados com essa substância indutora de êxtases espirituais ficarão reservados para a segunda parte desse estudo que será publicada em um próximo artigo, onde abordaremos questões como: O que é a Ayahuasca? Como ela é utilizada? Como é o transe que ela provoca? Quais são suas características? Qual seu potencial de transformação? E como ela vem sendo usada para criar novas cosmogonias, novas práticas ritualísticas, novas vertentes religiosas?

Um outro ponto que merece destaque é que estados alterados de consciência com características de transe são facilmente observados em contexto religioso, mas, muitas vezes, são descritos como “êxtases”. Se existem diferenças entre esses dois termos, estas não serão parte dessa nossa análise. Até porque, ainda que existam reais distinções entre esses fenômenos, entendemos que identificar uma alteração da consciência como sendo transe ou êxtase, é algo extremamente complexo de ser feito, visto que dependerá muito do critério de delimitação do pesquisador e do que ele consegue apreender da manifestação em si a partir do relato de quem a vivenciou. Indo além, a grande maioria daqueles que viveram o transe tem real dificuldade de descrever a experiência com palavras. De acordo com Adelman Asevedo:

Como uma das manifestações de mediunidade, Terrin (1998) descreve o transe como alterações no comportamento que vão desde o paranormal e extraordinário, ao excepcional, onde o indivíduo pode tremer, desmaiar, ser tomado por arrepios, cair no chão etc. O autor, citando o etnólogo Ake Hultkranz, informa que transe e êxtase são dois conceitos utilizados para denotar o mesmo fenômeno, onde transe se refere a um fato médico e mediúnico, e êxtase abarca o aspecto humanista e teológico. Mircea Eliade, em “O Xamanismo e As Técnicas Arcaicas do Êxtase”, procura identificar os dois termos, sendo que ali, transe e êxtase são usadas para referir aos mesmos fenômenos (ASEVEDO, 2012, p. 20).

Também estamos cientes de que existe uma diferença psicológica entre os tranSES que são comumente identificados como “êxtase” daqueles que são descritos como “posseção”. Para Nilse Davanço Rizzi (1997, p. 80), “o xamanismo aparece como a ascensão do homem em direção aos Deuses, e a posseção como uma ‘descida’ dos Deuses, uma encarnação”. Porém, para efeitos gerias desse artigo, todos serão tratados como “transe”, sem deixar de reconhecer que outros autores têm todo o direito de distinguir esses fenômenos usando nomenclaturas e delimitações epistemológicas distintas. Não obstante, por uma questão de maior praticidade para alcançar nosso intento, nós não adotamos essas distinções aqui.

Assim, por questões de limitação de laudas, esse estudo foi dividido em dois artigos, dois textos independentes, ainda que complementares. Todo esse esforço tem o objetivo de abordar os múltiplos aspectos que perpassam esse intrigante e relevante tema. Nessa primeira parte faremos uma retrospectiva histórica de algumas tradições religiosas (milenares, seculares e contemporâneas), observando como o transe esteve presente em suas origens e como ele continua sendo relevante na vivência religiosa dos adeptos.

COMO ACONTECE O TRANSE?

A palavra “transe” tem sua origem na expressão latina *transire* que significa “cruzar”, “atravessar” – se deslocar de um lugar para outro. No contexto religioso, o termo traz a ideia

de uma passagem do mundo físico para o mundo espiritual, uma forma de transposição do mundo material para o mundo metafísico. Em geral, o transe é descrito por aqueles que o vivenciam como uma forma de contato com o Divino.

Nas Ciências da Religião, e em outras disciplinas acadêmicas, o transe religioso é um fenômeno que invoca uma série de conceitos dentro de uma miríade de interpretações possíveis, que, não raro, parecem ser até mesmo contraditórias. Por exemplo, um dos primeiros estudiosos do tema, o antropólogo Roger Bastide (1898-1974) não apresenta uma definição clara do fenômeno em sua obra, no entanto, ele afirma que o “transe primitivo é o contrário mesmo do desprendimento corporal, do abandono às pulsões inconscientes, da crise histórica”, pois, segundo ele, “longe de dar uma imagem de caos, de violência ou de distúrbio muscular, o transe toma frequentemente uma forma calma” (BASTIDE, 1992, p. 144). No entanto, Rizzi, outro especialista no tema, descreve o transe como:

Um estado particular do indivíduo, durante o qual se evidenciam modificações psicofisiológicas, num contexto ritual religioso. [...] São modificações na expressão facial: os olhos ficam arregalados ou se fecham, a boca fica crispada, mudam a postura corporal, os gestos, a voz, às vezes acompanhados de tremores, gritos e choro. Esses traços podem aparecer em conjunto ou separadamente, mais ou menos marcantes ou violentos. Em estado de transe há aumento das pulsações, diminuição (ou aumento) da respiração. [...] Como estado, este é passageiro e momentâneo. Em termo psíquicos, ocorre alguma alteração na esfera consciente (RIZZI, 1997, p. 80).

Existe um número indefinido de maneiras possíveis de se provocar deliberadamente o transe. Ele pode acontecer por meio de estímulos mentais e/ou corporais, como: orações, repetições de mantras, meditações, jejuns prolongados, exercícios respiratórios, atividades físicas extenuantes, transpiração intensa, dança, música, movimentos ritmados, privação de sono, hipnose, sexo, consumo de substâncias psicoativas, dor, trauma, medo etc. O transe ainda pode ocorrer em virtude da estupefação diante de algo que se considera muito belo e/ou sagrado, como o esplendor de uma cachoeira ou uma visita ao Gólgota, em Jerusalém. Mas também pode acontecer de alguém entrar em transe sem nenhum motivo aparente e de forma totalmente inesperada. Por exemplo, o conhecido antropólogo Gilberto Velho (1945-2012) traz o seguinte relato:

O episódio se passa no final da década de 1970, agosto de 1978, exatamente. Era um dia de semana. Estava caminhando em Ipanema. Notei um ajuntamento de pessoas. [...] Procurei me informar. Um soldado da Polícia Militar ajudava a organizar a fila. [...] Com o que vi e com as informações obtidas, rapidamente, ficou delineado o que estava se passando. O senhor, foco das atenções, estava caminhando só e, aparentemente sem maiores preâmbulos, teria incorporado um “preto velho”. [...] Os consulentes aproximavam-se em ordem, respeitosamente, e em voz baixa apresentavam suas questões e problemas ao “preto-velho” que os atendia, dando conselhos e orientação. [...] Depois de cerca de uma hora de consulta, decidiram encerrá-la. Murmuraram palavras inteligíveis para quem não está perto, pararam a fila, e o médium saiu do transe, amparado e ajudado. Em poucos minutos, a fila se desfez, as pessoas se dispersaram e o próprio médium entrou em um ônibus e foi embora sozinho (VELHO, 1994, p. 13-15).

O relato de Velho é evidentemente um exemplo peculiar, mas muitas outras formas poderiam ser ilustrativas desse estado alterado de consciência, e algumas delas não estão diretamente relacionadas com rituais religiosos. Por exemplo, é perfeitamente possível atingir um transe escutando vários tipos de músicas. Existem inúmeros relatos de grandes cientistas, pensadores, líderes religiosos e políticos, descrevendo momentos de epifania durante músicas e louvores nos rituais religiosos que participavam. E até mesmo fora do ambiente religioso o transe é muito comum de acontecer ao se ouvir músicas que trabalham com frequências específicas, especialmente aquelas que têm batidas graves e repetitivas. Não por acaso, quando observamos imagens de festas com “música eletrônica” vemos pessoas que demonstram estar em um tipo de êxtase enquanto escutam o que está sendo tocado.

Claro que, em muitos casos, o transe em “festas raves” é potencializado pelo uso de psicodélicos como LSD, ecstasy, MDMA e etc... Não obstante, o transe através da música é algo tão frequente que no início da década de 1990 surgiu uma vertente musical específica chamada “trance”, que na tradução literal quer dizer “transe”. O estilo tem como proposta principal levar o ouvinte a um estado alterado de consciência, tomado por um sentimento de êxtase. (GARRO, 2019) Nas chamadas festas “*Psy Trance*”, todo cenário é montado para o transe. Segundo James C. Brown:

Em todo o mundo, o estado de transe está associado à dança e à música, mas a relação não é simples. Os tipos de dança e música variam muito de cultura para cultura, assim como o papel deles. A música é usada de várias maneiras para induzir, aprofundar ou encerrar o transe. Rouget demonstrou de maneira convincente que, não é simplesmente uma questão de alguma música ser “hipnótica”, ao contrário, as variações no ritmo e no som receberam um significado particular pelas pessoas que as usam (BROWN, 1991 *apud* WALKER, 1995, p. 41, tradução nossa)¹.

A prática de exercícios também é fonte de momentos de transe. Atletas como o americano Joseph Campbell (1904-1987) e o britânico Roger Bannister (1929-2018) relataram que tiveram experiências de transe durante corridas. Bannister, inclusive, foi atleta olímpico e depois tornou-se neurologista para estudar o transe que sentiu durante uma prova. Segundo Bannister (*apud* CAMERON, 1993, p.185): “Não mais consciente do meu movimento, descobri uma nova unidade com a natureza. Eu havia encontrado uma nova fonte de poder e beleza, uma fonte que nunca sonhei que existisse”. Apesar de ter quebrado recordes em seu tempo, Bannister obteve mais sucesso e reconhecimento como neurocientista do que como atleta.

Outras formas de alcançar o transe são até mais conhecidas, como a Yoga, e outras técnicas de relaxamento e de estímulos corporais. Em várias sociedades, antigas e modernas, o orgasmo, e o próprio ato sexual foram e são usados como portas para se chegar ao transe. Esse é o princípio que rege o milenar Kama Sutra, por exemplo. Mais recentemente, gurus espirituais, como Osho (1931-1990), aplicaram e ensinaram técnicas sexuais indianas antigas misturadas com novos elementos de psicologia. Essas técnicas levavam dezenas de pessoas a entrar em transe ao mesmo tempo durante orgias sexuais que eram consideradas sagradas por seus participantes. Porém, muito antes de Osho, nos templos antigos de várias culturas, sacerdotisas sob transe conduziam homens para o contato com o Divino através de êxtases proporcionados por rituais sexuais. De acordo com Nickie Roberts:

Com seus rituais sagrados e danças que conduziam ao estado de transe, as sacerdotisas canalizavam a energia criativa da Deusa para o mundo material. [...] Estes estados de transe eram forma de consciência ampliada, um despertar, um sonho controlado, durante o qual a consciência do cotidiano e o que podemos chamar de mente inconsciente, se fundia para permitir que as ideias e as imagens tomassem forma (ROBERTS, 1992, p. 21).

O próprio oxigênio que respiramos pode ser usado para induzir estados alterados de consciência. Uma técnica conhecida como “respiração holotrópica” (ou, simplesmente, “renascimento”). Para alcançar o êxtase, é preciso respirar de forma acelerada, ritmada e sem interrupção. Isso faz com que o corpo absorva mais oxigênio do que o normal, provocando um forte transe que traz à tona memórias, imagens, emoções e/ou sensações corporais que propiciam uma série de percepções extra-sensoriais, autoconhecimento, *insights* e superação de traumas.

Desse modo, podemos perceber o quanto o transe é fenômeno multifacetado, e o quanto ele está presente na sociedade, se manifestando de modos de diferentes e em ambientes distintos, mas sempre carregado uma forte dose de simbolismo espiritual pela vivência de experiências praticamente indescritíveis em palavras. Tais experiências deram origem a grande parte das matrizes religiosas que existiram no passado e que continuam a existir hoje.

A HISTÓRIA DO TRANSE NAS RELIGIÕES

Se para alguns teóricos o transe tem pouca relevância científica, para outros, o fenômeno é de fundamental importância para a compreensão da religião estudada. Por exemplo, para Reginaldo Prandi (2006, p. 08): “o transe interessa ao pesquisador apenas como uma das dimensões religiosas, não importa à sociologia àquilo que ele tem ou pode ter de psicológico, exótico ou mesmo patológico”. Na visão desse autor: “Com transe ou sem transe, a religião é sempre teatro, representação”. No entanto, outros estudiosos compreendem que o transe constitui o cerne da ritualística de algumas tradições justamente por ser o momento mais sagrado da celebração, o momento sublime de hierofania. Nesse sentido, a respeito das religiões afro-brasileiras, Ernani Santos Neto afirma que:

O transe é o ápice da vivência religiosa no terreiro. O fim de todo o desenvolvimento da religiosidade em Ketu, é a aproximação entre o fiel e o orixá a tal ponto que a divindade possa se manifestar no corpo do sujeito devidamente iniciado. Por isso entender o transe, seu funcionamento e a significação deste para o povo de santo é condição *sine qua non* para a compreensão dessa religião. A vivência do transe nas religiões afro-brasileiras é de fundamental importância tanto para o adepto quanto para todos do terreiro. Trata-se, portanto, de um elemento fundante; um elemento que as constituem de fato (NETO, 2009, p. 268).

Com efeito, se examinarmos com cuidado, veremos que os momentos de êxtase religioso vividos por muitos homens e mulheres foram de grande relevância na história de surgimento e de perpetuação de várias ordens, vertentes e instituições religiosas, desde as primeiras civilizações até os dias atuais. Um dos exemplos mais primevos vem do Egito Antigo, onde a Cannabis, a Papoula e a Flor de Lotus Azul, eram usadas para alterar o estado de

consciência, possibilitando o trânsito para o mundo espiritual. Nesse cenário, surge o *Corpus Hermeticum*, uma coletânea de textos que revela uma quantidade impressionante de conhecimentos altamente sofisticados a respeito do que é o Divino; como se constituem o Cosmos, a mente, o espírito e a natureza; o que é o Bem e o Belo; e ainda traz várias informações de Biologia, Física e Astronomia. O conjunto de textos que formam o *Corpus* é atribuído ao famoso Hermes Trismegisto, um nome grego para o Deus egípcio Thoth – um soberano, legislador e filósofo que viveu no Egito, em alguma época no intervalo entre 1.300 a.C e 2.500 a.C. O *Corpus Hermeticum* é o texto místico religioso mais famoso da história. Além de dar início a Alquimia e ao Hermetismo, ele também foi a base para várias religiões antiga (e não apenas no Egito), e ainda serviu de fonte para praticamente todos os grandes nomes da filosofia grega, sendo, por tanto, a base de grande parte da filosofia Ocidental. Além disso, os ensinamentos de Hermes foram extremamente populares entre os maiores pensadores e cientistas modernos no período da Renascença. E tudo isso começa com Hermes fazendo o seguinte relato:

Um dia, em que comecei a refletir acerca dos seres, e meu pensamento deixou-se planar nas alturas enquanto meus sentidos corporais estavam como que atados, como acontece àqueles atingidos por um sono pesado pelo excesso de alimentação ou de uma grande fadiga corporal, pareceu que se me delineava um ser de um talhe imenso, além de toda medida definível, que me chamou pelo meu nome e disse: “Que desejas ouvir e ver, e pelo pensamento aprender a conhecer?” E eu lhe disse “Mas tu, quem és?”. – “Eu”, disse Ele, “Eu sou Poimandres², o Noûs³ da Soberania absoluta. Eu sei o que queres e estou contigo em todo lugar”. [...] Em mim ficou gravada a benfeitoria de Poimandres, pois que me tinha preenchido com o que eu necessitava, e senti uma alegria imensa. Pois em mim o sono do corpo caía sobre a vigília da alma, a oclusão de meus olhos uma visão verossímil, meu silêncio uma gestação do bem, e a expressão da palavra uma linha de boas coisas. E tudo isso me sucedeu porque recebi de meu Noûs, isto é, Poimandres, o Verbo da Soberania absoluta. E eis-me então repleto do sopro divino da verdade (TRISMEGISTOS, 2005, p. 11,17).

Mas, a cultura do antigo Ocidente também dava grande valor ao transe religioso. Vejamos a mitologia grega, ela está recheada de histórias sagradas de Deuses e heróis onde o êxtase espiritual está presente, como, por exemplo, no mito do Deus Diôniso. Segundo narra seu mito, estando na presença desse “Deus do Vinho”, seus seguidores e outras pessoas que o encontravam, entravam em transes violentíssimos, se libertando de inibições e restrições sociais, voltando a sua natureza primitiva. Durante os êxtases dionisíacos os arrebatados se entregavam a impulsos sexuais ilimitados e rituais sangrentos, ao mesmo tempo em que sentiam a transcendência religiosa do contato com a divindade. O grupo que acompanhava Diôniso era formado por ninfas, sátiros, homens e mulheres. No caso das mulheres, estas eram chamadas de “mênades”, que, em grego, significa “agitada furiosamente”, “delirante”, “possessã”; características que, como vimos, estão presentes durante estados de transe. Todo conjunto de ensinamentos religiosos advindos do mito de Diôniso deu origem aos “mistérios dionisíacos”, culto que surge por volta do séc. VIII a.C. De acordo com o mitólogo Cláudio Moreno:

Nesse culto, realizado sempre em lugares reservados e selvagens, a ideia era atingir o êxtase. Há muitas religiões que chegam a isso, mas no caso do Diôniso isso era básico.

Elas chegavam com a dança frenética, com flautas, com tamborins, usando vinho e substâncias alucinógenas – alguns pesquisadores identificam da família da Mandrágora. [...] Elas [as mônades, também chamadas “bacantes”] eram possuídas, ou deixavam-se possuir por um Deus que se chamava no grego antigo ‘Entusiasmos’ [do grego *in + theos*, ‘em Deus’]. Entusiasmo, aí está a raiz ‘*theos*’ do Deus. O entusiasmo era exatamente a possessão por uma Entidade Superior. Temos religiões aqui, afro-brasileiras, que têm esse tipo de manifestação (NOITES GREGAS, 2021, 10m50s).

Alguns séculos mais tarde, usando essas mesmas bases do culto à Diônisos, o lendário poeta/profeta Orfeu (VI a.C.) vai fundar uma tradição filosófico/religiosa chamada “Orfismo”, que também têm no transe um elemento fundamental. Porém, os êxtases órficos ocorrem de forma mais “civilizada”, sem a entrega aos impulsos selvagens dos ritos dionisíacos. E, claro, que também não podemos esquecer das sacerdotisas do templo de Apolo, em Delfos, que respiravam vapores (*pneuma*⁴) vindos do solo sagrado daquele local, entravam em transe e traziam profecias enigmáticas que eram respeitadas por todos os povos daquela e de outras regiões.

Muitos séculos depois de Hermes e dos deuses e oráculos gregos, por volta de 500 a.C, um príncipe indiano chamado Siddhārtha Gautama, depois de renunciar ao luxo e as riquezas de sua vida no palácio real, adotou práticas ascéticas extremas e dedicação completa a vida religiosa. Mas, após anos de busca pela iluminação nos textos sagrados e na renúncia das necessidades mais primárias, frustrado pela falta de respostas satisfatórias, Gautama sentou-se embaixo de uma figueira e decidiu que só levantaria quando alcançasse o “nirvana” que tanto buscava⁵. Depois de vários dias sem comer, ele não conseguia se concentrar devido a fome, então comeu um arroz deixado por uma seguidora, em seguida meditou, e dessa vez, finalmente conseguiu chegar aquilo que ele descreveu como “a iluminação” ou “o despertar”.

Em seu relato, o primeiro Buda, descreveu ter vivido três momentos de êxtase onde alcançou os “três conhecimentos superiores” e teve a visão completa das “Quatro Nobres Verdades” que possibilitam vislumbrar o caminho para a libertação do ciclo das sucessivas reencarnações. Os transe, provocados pela meditação profunda e por técnicas de respiração, tronaram-se parte importante da tradição budista iniciada por Gautama. De acordo com Otávio Augusto Vieira:

A meditação *ānāpāna* encontra-se no “Discurso da Atenção Plena na Respiração”, e deve ser visto como um exercício de consciência, e não de respiração. Sidarta Gautama prescreveu diversas técnicas para concentrar a mente, dependendo do tipo de pessoa. [...] Nesse estágio de concentração (*ānāpāna*) é possível alcançar estados de transe (*jhāna*), que são oito descritos por Buda, experiências extra-sensoriais, como ver luzes, ter visões ou ouvir sons extraordinários. Tudo isso indica marcos que a mente alcançou altos níveis de concentração, podendo, entretanto, tornarem-se distrações, visto que o objeto de atenção deve se manter na respiração (VIEIRA, 2017, p. 167).

Os transe que Gautama sentiu debaixo da figueira *Bodhi*, deram início ao Budismo, uma religião que, hoje, conta com mais de 500 milhões de seguidores, sendo o quarto maior seguimento religioso do mundo. Cerca de mil anos depois, algo bastante parecido aconteceu com Maomé (571-632), que habitualmente passava noites em cavernas nas montanhas que ficam próximas a cidade de Meca, na Arábia Saudita. Durante esses retiros espirituais, Mao-

mé praticava o jejum, fazia orações e dedicava-se a meditação. Conta a tradição islâmica que no ano 610, Maomé estava sozinho, meditando em uma dessas cavernas, quando recebeu a visita do Anjo Gabriel, que lhe ordenou que recitasse os versos que haviam sido enviados por Alá (Deus) e que depois seriam transcritos para o Alcorão. Maomé ficou sem saber como poderia cumprir a ordem do anjo, uma vez que não conhecia tais versos. Foi quando ele sentiu um tipo de transe e as palavras começaram a fluir de sua boca, mesmo sem saber previamente o que iria recitar. De acordo com Aixa binte Abu Baquir (614-678), a terceira e mais jovem esposa de Maomé, quando o profeta recebia a inspiração de Gabriel para recitar os versos sagrados, ele transpirava, tremia e entrava em um estado de transe profundo.

O islamismo, fundado com ensinamentos trazidos durante os tranSES de Maomé, possui atualmente cerca de 1,5 bilhões de muçulmanos, sendo a terceira maior religião do planeta. E o transe continuou sendo importante nessa tradição religiosa, pois, no Islã, existe um ramo místico chamado “Sufismo”, que possui diversos textos sobre o êxtase. Para os sufistas, o transe é um estado de conexão com Alá. Os seus ensinamentos contêm orações, formas de meditação e outras práticas que podem induzir um estado alterado de consciência. Uma das mais conhecidas é a “dança sufi”, que durante o “Ritual Sema”, é praticada pelos “*Dervishes girantes*” (ou *semazen*) que giram incessantemente por um longo tempo. Esse balé extraordinário é capaz de produzir estados de tranSES fortíssimos, “uma ponte para Alá”, segundo eles dizem.

No caso do Cristianismo, não temos elementos suficientes para afirmar que Jesus, durante os quarenta dias que permaneceu no deserto em jejum, ou em outro momento, também passou por algum tipo de transe – como pode sugerir o episódio em que o Maligno apresenta as três tentações. No entanto, as perícopes Atos 10:10 e 11:5, trazem um acontecimento com Pedro, onde o apóstolo afirma: “Eu estava na cidade de Jope, em oração, quando, em êxtase, tive uma visão”. Por sua vez, Paulo de Tarso também afirma em Atos 22:17,18: “Depois, tendo eu voltado a Jerusalém, e orando no Templo, sucedeu-me entrar em êxtase. E vi o Senhor, que me dizia: ‘Apressa-te, sai logo de Jerusalém’”. O próprio fenômeno da glossolalia (quando real) acontece com o indivíduo em estado de transe, segundo relatos daqueles que vivenciaram a experiência. Essa capacidade de falar em línguas desconhecidas quando em transe espiritual, continua sendo um aspecto bastante relevante de diversas tradições cristãs, em especial no Pentecostalismo e no Neopentecostalismo. Entretanto, ele também está bastante presente em diversas vertentes do Catolicismo.

Em verdade, a história da Igreja Católica está repleta de homens e mulheres que viveram tranSES religiosos e que tiveram grandes contribuições para a instituição. Um grande número de santos e místicos registraram eles mesmos, ou tiveram documentadas, várias experiências que podem ser consideradas como êxtases espirituais, por exemplo: Santa Mônica (331-387); Santo Agostinho (354-430); São Francisco de Assis (1181-1226); Santa Clara de Assis (1194-1253); São Tomás de Aquino (1225-1274); Mestre Eckhart (1260-1328); Santa Rita de Cássia (1381-1457), Santo Inácio de Loyola (1491-1556); Santa Teresa de Ávila (1515-1582); São João da Cruz (1542-1591); São José de Cupertino (1603-1663) – esse, inclusive, levitava durante alguns tranSES; Santa Verônica Giuliani (1660-1727); Santa Gemma Galgani (1878-1903); Padre Pio de Pietrelcina (1887-1968) – que também levitava em transe; Madre Teresa de Calcutá (1910-1997); e etc... Sem dúvida, essa lista é imensamente longa e, talvez, incomensurável. Fato é que alguns desses tranSES foram o motor de transformações fundamentais na história de vários desses ícones do Cristianismo e do próprio movimento religioso. Pois, além de aumentarem a fé deles próprios, esses momentos de êxtase divinal

também deram origem a textos e discursos antológicos que contribuíram fortemente para a expansão no número de fiéis. Muitos se tornaram devotos desses homens e dessas mulheres, considerando-os santos e santas.



Figuras 1: Detalhe de “O Êxtase de Santa Teresa” (1652) de Gian Bernini (1598-1680)

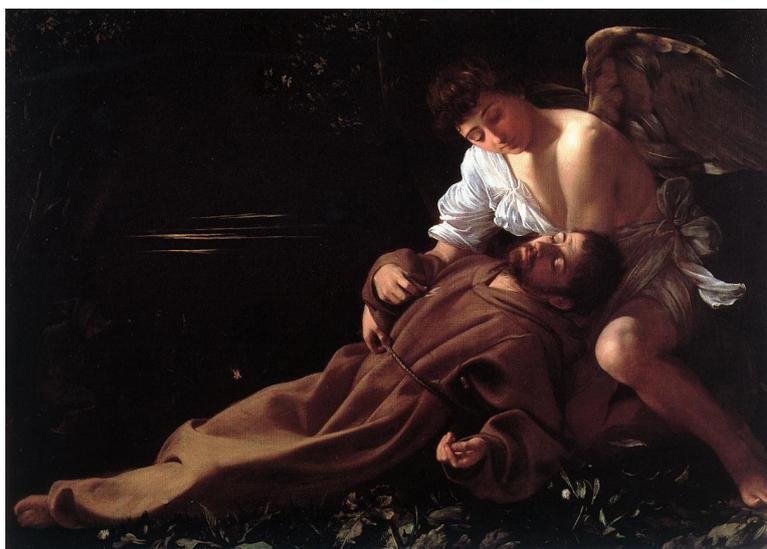


Figura 2: “O Êxtase de São Francisco” (1595), pintura de Caravaggio (1571-1610)

O TRANSE HOJE

De um modo geral, na tradição monoteísta, o êxtase religioso é comumente referido como uma comunhão divina, uma unidade com Deus. Por exemplo, o transe é o principal veículo para as visões e revelações proféticas encontradas na Bíblia, especialmente nos textos do Antigo Testamento. Diversos profetas relatam episódios de transe, como: Elias, Jeremias, Ezequiel, Isaías, etc. Outros relatos emergem de forma mais indireta, como no caso de Davi que dançou fervorosamente, quase totalmente despido, diante da Arca da Aliança, enquanto ela era levada para Jerusalém (2 Sm 6:14) Segundo Thiago da Silva Pacheco:

O termo *ro'eh*, cujo significado é “vidente”, deriva do verbo *ra'ah*, que significa “ver”. Também expressa revelações divinas através de visões, normalmente ligadas ao êxtase

religioso. [...] Esses fenômenos, nos quais o profeta entrava em contato com a divindade e dela recebia revelações, são expressos de diferentes formas nos textos bíblicos. [...] Havia profetas que vivenciavam este contato com o sagrado através de práticas diversas. Em alguns destes casos, a experiência era narrada na forma de êxtase religioso, como em 1Sm 10, Ez 37 e Is 6. Segundo Rosileny Alves dos Santos, essa forma de êxtase consiste numa ampliação de consciência, cujos resultados são experiências de clarividência, premonições, percepções intuitivas intensas e projeção de consciência (PACHECO, 2014, p. 47-48).

Todos esses exemplos de transe religiosos demonstram como a importância do fenômeno não está só nos momentos de fundação dessas religiões, antes, sua relevância continua sendo significativa para a ampliação e consolidação da religião enquanto instituição. Por isso, o transe não deixou de estar presente tanto nas mais antigas quanto nas mais recentes religiões. Por exemplo, em uma tradição milenar como é o Judaísmo, o êxtase pode ser atingido através do balanço do corpo para trás e para frente durante as “Telifás” (orações judaicas). Esse movimento ritmado é conhecido como “shuckling” (“agitar”). Para os judeus, o transe conseguido durante a oração é o ponto mais sagrado e elevado do rito, sendo nesse momento que os homens falam de forma profunda e silenciosa com Deus.

Entre os Hare Krishnas, além da meditação, o transe também pode vir por meio da efervescência coletiva provocada pela dança e pela repetição ritmada dos mantras, como: *Hare Krishna, Hare Krishna, Krishna Krishna, Hare Hare/ Hare Rama, Hare Rama, Rama Rama, Hare Hare*. No Hinduísmo e no Budismo, o transe que possibilita o contato com o Divino é conhecido como *samādhi* (que pode ser traduzido como: “meditação completa”). Também chamada de *samāpatti* (“adquirir”) é a prática mais elevada da Yoga, sendo está a última etapa desse sistema de ensino. O *samādhi* acontece quando se atinge a suspensão dos pensamentos, a compreensão da existência e a comunhão com o Cosmos. De acordo com Vladimir Luís de Oliveira:

O estado de *samādhi* conduz a uma profunda metamorfose da percepção e da psique. Usando categorias jungianas podemos afirmar que este estado é um mergulho profundo no inconsciente individual, permitindo uma conexão imediata do *self* com os arquétipos sagrados do inconsciente coletivo. O numinoso ou a experiência do sagrado é potencialmente uma experiência de êxtase, ao estimular a vivência de um estado não-ordinário de consciência. [...] Quando os devotos buscam os lugares sagrados, não buscam apenas a identificação do espaço material do sagrado. Em sua subjetividade procuram vivenciar a mesma experiência que seus líderes espirituais ou gurus relataram durante o êxtase místico (OLIVEIRA, 2013, p. 275).

No caso das religiões mais recentes, é interessante notarmos que, apesar de terem tradições muito diferentes das tradições sufistas do Islã, muitas igrejas neopentecostais também adotam a prática de girar por vários minutos para provocar um tipo de transe em seus fiéis. No entanto, diferentemente dos sufistas, durante o transe neopentecostal não se acredita estar entrando em contato com Deus, mas sendo libertos de algum tipo de influência demoníaca. Por isso, curiosamente, a prática de girar nas tradições neopentecostais é mais associada ao giro da Pomba-gira – manifestação das religiões afro-brasileiras – do que ao giro sagrado dos *Dervishes* islâmicos.



Figura 3: Dervishes em transe, foto de Saygin Serdaroglu, Istanbul, 2012.



Figura 4: Momentos de transe entre evangélicos e umbandistas.
Técnicas de transe muito parecidas em três tradições religiosas muito diferentes.

Segundo Camurça (2016, p. 24), o que acontece hoje em muitas igrejas neopentecostais é “espetacularização e afastamento de atitude racional e auto-reflexiva da Reforma Protestante. Uma aproximação paradoxal com o transe das religiões afro-brasileiras. Oscila entre o modelo cristão e o das afro-brasileiras”. Claro que o transe nas tradições neopentecostais também é induzido de outras formas, como, por exemplo: música, louvações estridentes, “falar em línguas” (glossolalia), efervescência coletiva, e etc... De acordo com Neto:

O transe é um fenômeno que acontece em todo mundo, não estando restrito apenas ao contexto afro-brasileiro e também cristão. Negrão (2013) ressalta que em todas as religiões aparecem alguns aspectos do transe espiritual, e que esses aspectos, às vezes são vistos como manifestação demoníaca e em outros como a manifestação do divino. A autora discorre que por mais primitivo que fosse o povo sempre existiu uma forma de contato com a divindade, esses povos primitivos caracterizavam-se pelo politeísmo, pela magia e pelo transe (NETO, 2009, p. 267).

Mas o transe também está presente no mito fundador de diversas novas vertentes religiosas modernas, que posteriormente foram se transformando em novas religiões institucionalizadas, por exemplo: os diversos momentos de êxtase vividos por Joseph Smith Jr. (1805-18044) que levaram a fundação da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (também conhecida como “Igreja dos Mórmons”), e que atualmente conta com dezenas de milhões de membros em mais de 200 países.

Outro exemplo que podemos dar possui contextos geográficos, históricos e culturais muito diferentes daqueles vividos por Smith nos EUA, trata-se do transe vivenciado em 1908 por Zélio Fernandino de Moraes (1891-1975) e que deu início a Umbanda no Brasil. Esse transe sentido por Zélio ao “incorporar” o espírito do Caboclo das Sete Encruzilhadas, pouco se diferencia dos transe do Espiritismo, onde o médium entra em contato com o plano espiritual através da concentração mental. Cíntia Alves da Silva traz uma explicação bem detalhada de como seria o processo:

Durante o transe, o médium e o espírito comungam do mesmo corpo. Segundo Santana Júnior (2001), o espírito, ao manifestar-se através do médium, passaria por “uma espécie de personificação”, enquanto o médium, ao “receber o espírito” sofreria um processo de “espiritualização” (sacralização). Santana reforça que, na concepção kardecista, o médium é chamado de “aparelho” (mediúnico), termo que denotaria uma aparente reificação, “uma vez que, em transe, o médium não pode agir por si mesmo”. Em relação ao processo de reificação do médium durante o transe, é interessante observar o depoimento de Chico Xavier, relatando a sua própria experiência como psicógrafo. Em entrevista concedida ao programa Fantástico, da Rede Globo de Televisão, por ocasião do seu 70º aniversário, em abril de 1980, o médium explica como ocorreria a psicografia por seu intermédio:

REPÓRTER: Como é que é feito esse intercâmbio entre o senhor e esses espíritos?

CHICO XAVIER: Olha, desde 1927, eu observo que os nossos amigos espirituais usam o meu braço como se fosse um apetrecho de eletricidade. É como se eles ligassem o braço deles sobre o meu.

REPÓRTER: E a mente?

CHICO XAVIER: A mente não funciona em se tratando da mensagem. Eu desconheço o que o espírito desencarnado está escrevendo, mas, na maioria das vezes, sinto o contato mental com o comunicante, tanto assim... o contato com o [espírito] comunicante me fornece impressões muito além da mensagem escrita (SILVA, 2012, p. 60-61).

Importante destacar que tanto no caso das religiões afro-brasileiras, quanto na Umbanda, quanto no Espiritismo kardecista de Chico Xavier, estamos falando de transe de possessão. Sendo que, em cada uma dessas tradições o transe assume características singulares próprias de cada vertente religiosa. Mas, curiosamente, o transe também ressurgiu em religiões milenares, como a Igreja Católica. Possivelmente, o êxtase religioso renasce e ganha importância entre os católicos também como uma forma de atrair mais devotos. Esse é o caso dos movimentos carismáticos, que objetivaram reverter a perda acelerada de fiéis

tornando seus rituais mais atrativos e marcantes para os que participam. Segundo relata Raimundo Maués:

Quando se trata de pajé experiente ou de fiel católico que recebeu os “dons do Espírito”, a tendência é a ocorrência de formas de transe ou de êxtase controlados, nos quais, via de regra, a pessoa a eles sujeita é capaz de relatar pelo menos alguns aspectos de sua experiência. Já no que diz respeito à presença ou ausência de alucinações, no sentido de ilusões, devaneios e fantasias, pude constatar inúmeras vezes que tanto na Renovação Carismática Católica (RCC) como na pajelança elas estão presentes no êxtase ou no transe (termos que tomo aqui aproximadamente como sinônimos). Na RCC, por exemplo, por ocasião das chamadas “visões proféticas”, tive a possibilidade de escutar relatos fantásticos a respeito da presença ou aparição de anjos e da Virgem Maria, ou também da presença do Espírito Santo, no recinto da igreja ou no local da reunião, com abundância de detalhes e grande colorido na descrição feita por fiéis em êxtase ou sob efeito do transe de que estavam tomados (MAUÉS, 2003, p. 31).

O TRANSE COMO PODER

Os primeiros estudos sobre o transe no Brasil aconteceram ainda no séc. XIX sob o viés da psiquiatria, tomando o fenômeno como “perturbações mentais” (RIZZI, 1997, p. 99). Essa compreensão seguiu viva entre os pesquisadores durante praticamente todo o séc. XX, ainda que sociólogos e antropólogos tenham aberto mais o leque de interpretações. Mas, o fato é que até os dias atuais a explicação de distúrbios psicológicos continua sendo evocada por muitos que tentam explicar o fenômeno do ponto de vista meramente clínico (FRAYZE-PEREIRA, 1985, p. 39).

Contudo, longe das explicações naturalistas da academia, aqueles que vivem e presenciaram o fenômeno conseguem compreender que o transe é um poder, pois algo parece impelir muitas pessoas a uma busca pelo êxtase religioso, e aquele que conhece o caminho pode ensinar outros a chegar. Mas, só quem já esteve em estado de transe é capaz de compreender a profundidade ontológica e potencialmente transformadora dessa experiência. É algo que efetivamente parece conseguir gravar na consciência (ou no espírito) a lição que precisa ser aprendida e/ou a ação que deve ser realizada para o desenvolvimento espiritual.

Os líderes religiosos enxergam que grande parte da humanidade anseia (ainda que inconscientemente) por sentir um contato com aquilo que está além da realidade do dia-a-dia, aquilo que transcende o ordinário e que vai além de si. Obviamente, o poder de induzir o transe naturalmente se reflete como um poder social dentro e fora das instituições religiosas. Neto afirma que:

Segundo Negrão (2013), o transe já foi visto por muitos séculos como sinônimo de status e poder em várias sociedades. Os médiuns de hoje, outrora feiticeiros, pajés, xamãs e curandeiros despertaram a curiosidade, o respeito e o temor em seus coletivos; aqueles que buscavam contato com o sagrado por meio dos estados alterados da consciência foram considerados por muito tempo intermediários entre o plano material e o espiritual, assim usufruíram em todas as épocas da história humana de grandes poderes (NETO, 2009, p. 268).

Para Bastide (1972), o transe é uma forma de protesto das camadas mais oprimidas contra a estrutura dominante impositora de normas e valores. Nas palavras do antropólogo-

go francês: “o transe é a revolta contra a sociedade” (BASTIDE, 1972 *apud* RIZZI, 1997, p. 100). O êxtase religioso seria, portanto, uma forma do indivíduo transpor as limitações sociais que lhe são infligidas cotidianamente, levando-o a um entendimento mais elevado e problematizado sobre si e sobre a realidade que vive.

Além disso, é preciso levar em consideração também que o desenvolvimento tecnológico do século XX acelerou e aprofundou o processo de distanciamento do ser humano com a natureza. Passamos a viver em “caixinhas”. Acordamos na caixinha do quarto, passamos para a caixinha do lar, depois para a caixinha do carro ou de outro transporte veicular, e em seguida passamos horas nas caixinhas do trabalho, da escola, da igreja etc. Voltamos para casa, para as caixinhas da televisão, do computador, do celular, e, por fim, de volta a caixinha do quarto. Muitos já não fazem ideia de como está o céu, o tempo, qual a fase da lua, ou em que época do ano estamos. Uma quase completa alienação da natureza. Talvez essa seja uma das causas da busca pelo transcendente possibilitado pelo êxtase religioso. Pois mesmo antes desse mundo digital contemporâneo, já em meados do séc. XX, Mircea Eliade (1907-1986) identifica essa perda de conexão com a natureza. Segundo ele:

Para aqueles que têm uma experiência religiosa, a natureza como um todo é susceptível de se revelar como sacralidade cósmica. Cosmos como um todo pode se tornar uma hierofania. O homem das sociedades arcaicas tende a viver tanto quanto possível com o sagrado ou na privacidade dos objetos consagrados. A sociedade moderna habita um mundo dessacralizado (ELIADE, 2007, p. 201).

As redes sócias geraram bolhas ideológicas e de informação que alargaram ainda mais a distância entre nós e aquilo que está além do que já conhecemos e acreditamos ser real. Porém, a sensação de que existe algo mais, ou, em outras palavras, a percepção intuitiva de que algo está faltando, de que a realidade está incompleta, transformou as décadas finais do séc. XX e as primeiras do séc. XXI no palco de uma busca sedenta pelo transcendente. E ainda que isso ocorra de modo inconsciente para a maioria das pessoas, é possível que esse desejo intenso não saciado possa gerar vícios e desequilíbrios de toda natureza. Sendo esse um campo aparentemente muito fértil para novas pesquisas nos campos da Psiquiatria, da Sociologia, da Antropologia, das Ciências da Religião e Sociais como um todo.

O desejo ávido pelo que está além, reforçou ainda mais a importância das instituições que usam enteógenos em seus rituais para induzir o transe. Esse é o caso do grande interesse que tem havido pelas religiões ayahuasqueiras. Mas, como dito antes, esse tema só será abordado na segunda parte desse estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo trouxe uma série de elementos que nos ajudam a compreender melhor o que é o fenômeno do transe religioso. Observamos quais as suas diferentes formas de manifestação, quais os modos variados pelos quais ele pode ocorrer, e como ele está presente desde os primórdios das civilizações. Ainda refletimos sobre o poder social que o êxtase religioso possui, nos abstendo de responder questões que tentam explicar o transe como patologias psicológicas, manifestações do subconsciente e/ou fenômenos sobrenaturais.

Para esta análise, adotamos o princípio de que as diversas discussões retóricas e semânticas possíveis sobre as delimitações epistemológicas do que é transe, do que é êxtase, ou do que é possessão, deveriam ficar em segundo plano diante da importância central do fenômeno, que é o poder de transformação dos indivíduos e, conseqüentemente, da sociedade através de novas vertentes e compreensões religiosas. De acordo com Célia Carvalho de Moraes:

A literatura apresenta outras denominações para êxtase: experiência mística, experiência cósmica, retorno à origem (psicologia transpessoal), experiência religiosa (William James), experiência do numinoso (C.G. Jung), casamento espiritual (cristianismo), estado de plenitude, iluminação (budismo), experiência culminante (A. Maslow), experiência oceânica (psicanálise). Se quisermos acrescentar denominações estrangeiras, hindus e budistas, teríamos nirvana, *satori*, *samadhi*, estado de buddha. Os diversos graus e formas dessa experiência têm em comum o fato de serem sensações e relações diretas com o transcendente, o insondável, o inominável, o indescritível, o sublime, o sagrado e, para alguns, o divino – aqui referidos como sinônimos, e sem distinção de circunstâncias: o sujeito da experiência pode atuar ativamente em um contexto religioso, artístico, filosófico ou nenhum; mas sempre, em decorrência dela, sente transformadas, e mesmo ampliadas, sua visão de mundo e sua relação com os outros seres (MORAES, 2002, p. 62).

Destarte, relembremos que o objetivo principal do nosso estudo foi o de demonstrar a grande relevância que o transe possui na origem e na continuidade de diversas tradições religiosas. E, ao analisar a gênese de várias religiões, vimos que os momentos de êxtase espiritual foram fundamentais para a transformação de indivíduos que, a posteriori, também transformaram grande parte das sociedades que viveram, e várias outras após suas existências, a partir da matriz religiosa que fundou. Para Eliade, a importância do transe é central, uma vez que ele é a própria matriz estruturadora do *corpus religiosus* das tradições do passado, além de ser a força motriz que reforça a experiência mítica no presente. Segundo ele:

Pode-se adivinhar quais as ‘fontes de inspiração’ de uma tal personalidade criadora dentro de uma sociedade arcaica: são as ‘crises’, os ‘encontros’, as ‘revelações’, em suma, as experiências religiosas privilegiadas, acompanhadas e enriquecidas por um enxame de imagens e de enredos particularmente viventes e dramáticos. São os especialistas do êxtase, os familiares de universos fantásticos que nutrem, crescem e elaboram os motivos mitológicos tradicionais (ELIADE, 1972, p. 104).

Por tanto, no corolário dessa primeira parte de nosso estudo, queremos ressaltar que os resultados demonstram que os estudiosos não devem considerar o transe como um elemento periférico, de menor importância dentro da gama de temas que perpassam o fenômeno religioso. Ao contrário, o poder do transe foi determinante para surgimento, estruturação e consolidação de diversas tradições religiosas no passado e no presente, e por isso deve ser apreciado como um componente essencial dentro das pesquisas acadêmicas que são feitas a respeito das religiões.

THE POWER OF THE TRANSE: THE RELEVANCE OF SPIRITUAL ECSTASY IN THE GENESIS OF RELIGIONS

Abstract: *the Trance is the most sublime moment of religious experience. The hierophany of religious ecstasy, the contact with the Divine, the rapture of everyday life, all this is capable of provoking great personal, but also social, transformations. Especially when new religious matrices appear as a result of the ecstasy lived. Through a bibliographic review of sacred texts and also the analysis of specialists, the present study aimed to analyze the importance of trance in the foundation and ritualistic continuity of various religious traditions. Thus, we discuss relevant questions to elucidate the theme, such as: What is trance? How does it occur? What types of trances are there? And what role did religious ecstasy play in the emergence of some of history's major religions? The results indicate that trance played an essential role in the genesis of several religious traditions, and that it continues to be relevant in the ritualistic practices of many of them.*

Keywords: *Religious Sciences. Trance. Ecstasy. Sociology of Religion.*

Notas

- 1 Brown: "Throughout the world, the trance state is associated with dance and music, but the relationship is not a simple one. The types of dance and music vary markedly from culture to culture, as does their role. Music is used variously to induce, deepen, or end trance. As Rouget has shown convincingly, it is not simply a question of some music being 'hypnotic'; rather, variations in rhythm and sound have been assigned a particular meaning by the people who use them."
- 2 A palavra "Poimandres" significa "conhecimento de Rá ou Ré" (Deus do Sol no antigo Egito).
- 3 Noûs é um termo filosófico grego de origem egípcia que não possui nenhuma tradução direta para o português, e que por isso pode ser entendido como "intelecto", "mente", "consciência" ou "razão".
- 4 O gás etileno (C₂H₄), geralmente, é indicado como sendo o mais provável para ser o que saía da fenda em Delfos e causava o estado de êxtase e inspiração das sacerdotisas (*pítias*). Mas outros gases também são apontados, como: o metano (CH₄), o sulfeto de hidrogênio (H₂S) e o gás carbônico (CO₂). Já a fenda em si, esta seria resultado de uma ruptura sísmica.
- 5 Algumas fontes afirmam que o tempo de permanência de Buda embaixo da figueira foi de apenas 7 dias. Mas outros textos antigos afirmam que, no total, Buda permaneceu 49 dias sob a *Bodhi*.]

Referências

ASEVEDO, Adelman S. *Mediunidade e Experiência Religiosa: trânsito entre religião e saúde mental*. Dissertação (Mestrado) – PPGCRE, PUC Goiás, Goiânia, 2012.

BASTIDE, Roger. *O Sagrado Selvagem*. [tradução Rita de Cássia Amaral]. *Cadernos de Campo*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 143-157, 1992. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/cadernosdecampo/article/download/40311/43196>. Acesso em: 18 abr. 2022.

CAMERON, Julia. *The Artist's Way*. Oxford, London: Pan Books, 1993.

CAMURÇA, Marcelo A. *Estilos de espiritualidade como critério para tipologias e interpretações do campo religioso na contemporaneidade*. *Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 18, n. 24, p. 18-32, 2016. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cst/article/view/12593>. Acesso em: 18 jan. 2021.

ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. Trad.: Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 1972.

ELIADE, Mircea. *Tratado de História de Las Religiones*. Ediciones Era, 2007.

FRAYZE-PEREIRA, João. *O Que É Loucura*. Brasiliense, 1985.

GARRO, Renata Silva et al. *A música como Auxílio para o Transe e o Êxtase*. 2019. Disponível em: <http://repositorio.ufu.br/handle/123456789/26551>. Acesso em: 27 jan. 2021.

- MAUÉS, Raimundo H. “*Bailando com o Senhor*”: técnicas corporais de culto e louvor (o êxtase e o transe como técnicas corporais). *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 46, n. 1, p. 9-40, 2003.
- MORAES, Celia Carvalho de. *A experiência do êxtase: categorizando os processos envolvidos na ampliação da consciência*. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 19, n. 1, p. 60-77, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/estpsi/v19n1/a06.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2021.
- NETO, Ernani Santos. *Reflexões acerca do transe religioso e sua relação com as religiões afro-brasileiras*. *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*, Juiz de Fora, v. 22, n. 1, p. 261-281, jan./jun. 2009.
- NOITES GREGAS # 27. *Dionísio e as Bacantes*. Prof. Dr. Cláudio Moreno. Edição e produção Filipe Speck. 25 mar. 2021. Podcast. Disponível em: <https://noitesgregas.com.br/episodios/27-dionisos-e-as-bacantes/>. Acesso em: 03 out. 2022.
- OLIVEIRA, Vladimir Luis de. A representação do espaço do sagrado em estados de êxtase no pensamento místico indiano. *Raega-O Espaço Geográfico em Análise*, v. 27, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/30425>. Acesso em: 26 jan. 2021.
- PACHECO, Thiago da Silva. Experiências e práticas sagradas dos profetas bíblicos. *Oracula*, v. 10, n. 15, p. 45-60, 2014. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/oracula/article/view/5755>. Acesso em: 24 jan. 2021.
- PRANDI, Reginaldo. *O Que Você Precisa Ler Para Saber Quase Tudo Sobre as Religiões Afro-Brasileiras*. Trabalho apresentado no congresso da Associação Latinoamericana para o estudo das Religiões. São Bernardo do Campo. 2006. Disponível em: https://reginaldoprandi.fflch.usp.br/sites/reginaldoprandi.fflch.usp.br/files/inline-files/O_que_voc%C3%AA%20precisa_saber_sobre_as_religioes_afro-brasileiras_0.pdf. Acesso em: 21 out. 2022.
- RIZZI, Nilse Davanço. Visões do transe religioso. *Plural*, São Paulo, p. 78-106, 1997. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/75898>. Acesso em: 08 abr. 2019.
- ROBERTS, Nickie. *As Prostitutas na História*. Tradução de Magda Lopes. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.
- SILVA, Cintia Alves da. *As Cartas de Chico Xavier: uma análise semiótica*. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras (UNESP), 2012.
- TRISMEGISTOS, Hermes. *Corpus Hermeticum: Discurso de Iniciação (A Tábua de Eseméralda)*. Ed. Hemus, 2005.
- VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Zahar, 1994.
- VIEIRA, Otávio Augusto. *A Meditação Vipassana como Ensinada por SN Goenka*. *Numen (Rev. de Estudos e Pesquisa da Religião)*, v. 20, n.1, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufff.br/index.php/numen/article/view/22082>. Acesso em: 29 set. 2022.
- WALKER, W. L. *Effects of Hypnosis on the Immune Response: B-Cells, T-Cells, Helper and Suppressor Cells*. Combining music and words as a pathway through hypnosis: Practical guidelines. *The American journal of clinical hypnosis*. Victoria, 1995.